

10-01-2022

ENQUANTO HOVER UMA PESSOA COMENDO RESTOS DOS LIXOS NÃO DORMIREI SOSSEGADA

Marcia Cristina Hizim Pelá

[Presidenta da Associação Cultura Cidade e Arte.
Membro do Dona Alzira. Doutora em Geografia Unifan]

Estou cansada. O meu corpo e a minha mente gritam por sossego e, se for possível, um pouco de inércia. Eles estão desequilibrados. Enfraquecidos. Desnorteados. Eles despenderam muita energia neste ano de 2021. Um ano que simbolicamente não começou porque 2020 não se findou. O medo iminente da morte. A dor do luto. A incerteza. O isolamento social. A perda de parentes, amigos e tantos outros conhecidos que não pudemos sequer dar o último adeus. São alguns elementos ocasionados pela pandemia de Covid-19 que não permitiram que vivenciássemos os ritos de passagem que, por mais banal que pareçam ser, fazem parte da nossa invenção de humanidade porque representam, dialeticamente, o fechamento de ciclos e a nascitura de novas utopias. Não poder sair às ruas, bailar e desfrutar dos momentos de liberdade que só as festas que trazem a insígnia do profano propiciam. Não poder abraçar os amigos.

Não poder desfrutar dos debates acalorados e étlicos em um “butiquim” de beira de esquina para fazer um balanço do ano e prospectar o outro. Tudo isso representa um tolhimento da possibilidade do porvir. Afinal, conforme diz a psiquiatra Maria Zélia Alvarenga (2020), os ritos de passagens abroham desejos inconscientes que mobilizam as ações para a transposição dos obstáculos. Eles são necessários para que possamos superar-transgredir as interdições, com os quais alcançamos novos tempos de vida, e suas respectivas dinâmicas de consciência, decorrentes de demandas inerentes da natureza. É preciso morrer constantemente para (re)viver. A existência é um rodopio incessante na espiral do movimento da vida que nos solicita energia, troca de experiências, convivência, afeto e tempo para sentir, perceber, refletir e reagir.

O ciberespaço não supre estas necessidades do apreender a ser humano porque não possibilita a química que o contato tátil proporciona e que nos permite ir além das interações e ações cognitivas. Não existo apenas porque penso. Existo porque penso, sinto, percebo, convivo, amo, resisto, invento, crio, transformo e, principalmente, porque tenho a capacidade de resignificar para continuar a sonhar.

Sonhar é um ato de coragem e resistência que inclui dialeticamente o convívio com nós mesmos e com os outros. O sonho pode ajudar a curar as doenças da mente e do corpo porque possibilita ter o desejo da esperança de uma nova vida. Pode curar até o cansaço. O meu, que ainda está acumulado, começou a se dissipar por meio da emoção e dos brilhos dos olhos que senti ao ver a festa de encerramento deste ano de 2021 da Escola de Circo Laheto. Foi uma noite de encontro, de resistência e de muita emoção na qual artistas, produtores culturais, intelectuais, crianças, adolescentes e tantos outros se encontraram no picadeiro do Circo Laheto, para celebrar a vida, divulgar a arte, promover o riso e a alegria.

Ali estavam reunidos multiplicadores de sonhos e esperanças; educadores que se dedicam à formação de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade socioeconômica no intuito de instrumentalizá-las para serem protagonistas de suas histórias de vida; artistas que nos proporcionam inúmeros momentos de ludicidade e risos. Tudo isso para que essas crianças e adolescentes não se transformem em números estatísticos de violência gerados pela situação de desigualdade social e segregação socioespacial do nosso país. Os meus olhos se iluminaram. A mente e o corpo cansados começaram a ter esperança de que este ano haveria o rito de passagem e, com isso, seria possível refletir para seguir. Morrer para nascer.

Mais do que isso: aquela festa me alertou que o movimento da vida não para. Os sonhos e os desejos daquelas crianças e adolescentes estavam latentes no colorido dos malabares, das pernas de pau, do diabolô: eles estão (re) inventando o mundo e as suas vidas. Oriundos de famílias de vulnerabilidade socioeconômica e que moram em espaços periféricos da cidade, estavam anunciando entre risos e molejos que lutam para romper o indignante ciclo de violência urbana que assassina os jovens periféricos antes dos trinta anos de idade. Estavam ali mostrando que apesar dos percalços a luta continua e passa pela (re) invenção das suas histórias de vida. O propósito é se libertarem da triste realidade de exclusão social, cultural e econômica que a nossa sociedade tem traçado para estes jovens. Para isso é preciso sonhar e acreditar que a inventividade, como descreve o filósofo Peter Pál Pelbart (2003), não é prerrogativa dos gênios e nem monopólio da indústria ou da ciência.

A inventividade é a potência das pessoas comuns. Por isso, capaz de possibilitar a criação de novas alternativas de cooperação, associação e relação que lhes permitam driblar a ordem social estabelecida criando condições para serem sujeitos de suas próprias histórias.

É notório que as ONGs, como é o caso do Circo Laheto, vêm contribuindo para mudar esta situação. Mas, infelizmente elas sozinhas não conseguem mudar esta realidade social. Precisamos urgente que a sociedade civil se organize e lute para que as políticas públicas garantam, de fato, o fim da discrepância ao acesso aos bens públicos e que a cidade seja desfrutada por todos. Pois só assim iremos reverter esta situação. O natural seria ver nossos jovens aumentando as estatísticas de acesso à arte, à cultura, à universidade, ao lazer e ao trabalho e não as estatísticas de criminalidade e violência.

Há muita luta pela frente. O meu cansaço será “tratado” por uma boa pausa para que eu possa usufruir do rito de passagem. Há em mim esperança e vontade de travar um bom combate em busca de dias melhores. Que em 2022 tenhamos coragem, força e energia para transformar essas tristes e indignantes estatísticas de miserabilidade e violência. Parafraseando o geógrafo Milton Santos: enquanto houver uma pessoa comendo os restos dos lixos eu não dormirei sossegada.

Avante!

■ ■ ■

Referências

- DE ALVARENGA, M.Z. Ritos de passagem e dinâmicas de consciência. *Junguiana*, São Paulo, v.38, n.1, p.183-196, jun. 2020. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252020000100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 18 dez. 2021.
- PELBART, P.P. *Vida capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2003.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.